



Entre o polialesco e o etnográfico:

A série fotográfica do Batuque da Umbigada de Rodolpho Copriva¹

Marcelo Eduardo Leite²

Resumo: Este trabalho se dedica a analisar o processo de documentação fotográfica realizado pelo fotógrafo Rodolpho Copriva na cidade de Rio Claro, estado de São Paulo, nos anos de 1952, 1953 e 1955. Tais imagens são raras e nos mostram a dança Batuque da Umbigada, realizada pela comunidade negra da cidade. A ida do fotógrafo ao referido acontecimento é peculiar, pois se deu por conta de uma encomenda da polícia local, porém, nos dá uma mostra de como uma fotografia feita com fins policiais, acabou carregando dentro de si uma grande importância etnográfica devido a importância documental que ela carrega.

Palavras-chave: Fotografia; Rodolpho Copriva; Batuque da Umbigada

Rodolpho Copriva: um fotojornalista do interior paulista³.

A presente comunicação tem como objetivo analisar uma série fotográfica muito peculiar ocorrida na cidade de Rio Claro, interior de São Paulo. Trata-se de algumas fotos feitas nos anos 50 pelo fotógrafo Rodolpho Copriva. Com relação a ele, uma importante lembrança é uma imagem postada na vitrine do seu ateliê, no centro da cidade, nós, sempre que passávamos à frente de seu estúdio, ficávamos a observar a vitrine. Por mais vezes que fizéssemos isso, uma fotografia sempre nos chamava à atenção. Exposta permanentemente, ela mostrava uma mula literalmente dentro de um carro DKV. Era um acidente automobilístico com um resultado estético fantástico, fotografado pelo senhor Copriva. Não foi por acaso que esta imagem se tornou cult na cidade, sendo que até hoje são vendidas cópias oriundas de reproduções.

O fato é que ele, numa análise mais distanciada, é um exemplo de fotógrafo que sempre existiu e ainda existe mundo afora. Um tipo de fotógrafo que faz uma documentação muito próxima dos acontecimentos, conhecendo pessoalmente as partes envolvidas, sendo um componente fundamental nos mais variados tipos de fatos. É curioso pensar que, este tipo de fotógrafo, ao se ausentar de um acontecimento é, no outro dia, cobrado pessoalmente por não ter estado onde ocorreu algo tido como relevante. No caso específico de Rio Claro, ele foi

¹Trabalho apresentado ao GP – Fotografia, do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul – 2 a 6 de setembro de 2010.

²Doutor em Mídias pela UNICAMP e Professor Adjunto da Universidade Federal do Ceará, Campus do Cariri.

³Nosso interesse pelo trabalho de Rodolpho Copriva teve início no ano de 2003, quando trabalhamos por seis meses no Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga, em Rio Claro SP.



responsável por uma documentação profunda e abrangente dos mais variados fatos da sociedade local. Suas imagens privilegiaram os mais variados fenômenos sociais, abordando temas variados, sendo uma grande contribuição para se entender esta localidade. Conhecendo seu trabalho e sendo testemunha da sua passagem, fica fácil entender o que as possibilidades que configuram o fotógrafo como uma ligação entre a sociedade e seu artefato final, mediando os fenômenos e fazendo deles um documento⁴. Copriva fez cotidianamente esta ligação, e no seu processo de trabalho se revelou uma pessoa atenta aos mais variados fenômenos, desnudando para nós um irrepreensível perfil de foto-documentarista.

Tentando entender seu percurso, descobrimos que, no início de sua carreira, Copriva fez trabalhos jornalísticos para o Jornal Cidade de Rio Claro, principalmente, no final da década de 1940. Curiosamente isso se deu exatamente quando seu ateliê funcionava clandestinamente, já que a prefeitura havia lhe negado o alvará de funcionamento. Segundo consta, isto o obrigou a buscar outros tipos de trabalho, ocorrência que, somada ao fato dele ser o único profissional da cidade a possuir um equipamento compacto e fácil de encarar saídas fotográficas, o fez ser o fotógrafo mais polivalente da cidade. Com o passar do tempo, ele foi se especificando em vários tipos de fotografia. Era aquele que estava, literalmente, disponível para todo tipo de serviço. No início da década de 1950 seu ateliê saiu da clandestinidade e ele se especializa em outros serviços. Além de continuar retratando os mais variados fatos sociais, ele documentou muitos locais, tais como, edifícios, praças, ruas e largos. Trabalhos que deram origem uma série de postais⁵ por ele arquitetados, ampliados artesanalmente em preto e branco e vendidos no seu estúdio, onde, também, eram feitos retratos individuais, duplas e grupos. Uma das séries mais interessantes que observamos em minha pesquisa, são os casais de noivos. Nelas, pode-se ver, por exemplo, as correções que seriam executadas a pedido do retratado, a quantidade encomendada, bem como, o dia da entrega do trabalho. As intervenções mais pedidas, dizem respeito, ao volume dos cabelos, dos bigodes e de eventuais brilhos a serem atenuados em alguns pontos da face do retratado. Assim, num processo pós-fotográfico artesanal, ele interferia no negativo, fazendo as cópias ao gosto de freguês, que levava, em geral, uma dúzia

⁴ Boris Kossoy. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999, pp. 25-28.

⁵ Copriva fez um total de 68 postais da cidade, destes, 66 foram postos à venda.



de cada. Assim, ele foi sendo uma opção de um fotógrafo plural, opção certa para vários seguimentos da sociedade local, registrar o momento desejado.

A série que escolhemos para analisar aqui, pinçada na ocasião na qual trabalhamos na organização de acervo fotográfico na cidade de Rio Claro, mostra um evento muito peculiar, uma festividade da comunidade negra da cidade. Ao tentar compreendê-la, fomos descobrindo outras implicações, que mostraram algumas questões bem interessantes da sociedade local, bem como, do papel do fotógrafo como mediador dos fatos.

As séries da “dança dos negros”.

Dentre o vasto material deixado por Rodolpho Copriva, existe um que, a nosso ver, mereceu uma menção especial, é a incrível serie que retrata a dança conhecida por Caiumba ou Batuque de Umbigada. Feitas nos anos 1950, em três ocasiões distintas (52, 53 e 55), todas elas nas noites de 13 de maio, as imagens mostram os negros festejando a abolição, os vemos com seus instrumentos em mãos, tambu e o quinjengue, dois tipos de tambores, o segundo com som mais agudo, além das matracas, que são as varetas de madeira usadas para se bater no tambu. Além dos instrumentos citados, temos os quaiás, espécie de chocalhos.

Tais manifestações da comunidade negra aconteciam num local da periferia da cidade, ali, na borda, ocorriam tais festividades de um segmento que da cidade esse pedaço recebeu. Segundo nos relata o pesquisador Antonio Candido⁶, que veio a investigar tais eventos na cidade de Tietê, no ano de 47, as classes médias diante de tal fenômeno se incomodavam com aquilo que chamavam de comportamento escandaloso. Assim, como em outros lugares do interior, a cidade de Rio Claro da década de 1950 demarca também uma ofensiva das elites locais contra esta prática. Pois bem, chamado para retratar este acontecimento, um dentre tantos que o fotógrafo acompanhava na cidade, aquilo que seria uma simples documentação fotográfica, ao se realizar, se apresentou como uma documentação muito mais abrangente. O fato é que a ida do fotógrafo no primeiro ano, 52, foi feita a pedido da polícia, que buscava substanciar a acusação feita por parte da população, descontente e incomodada com tais encontros.

⁶ Antonio Candido. Opinião e Classes Sociais em Tietê. São Paulo: Revista Didática e Científica, 1947.

Copriva foi para lá retratar, porém, em busca de um fato policial, sem saber ainda do que se tratava, ao chegar soube que estava lá para fazer provas contra a “dança dos pretos”, como eram chamados tais eventos. Assim, na sua primeira ida, apenas no local dos fatos ele soube que as imagens seriam feitas com a função específica de dar a polícia elementos que comprovassem o possível “crime”. Ele se deslocou ao com sua Zeiss Ykon⁷ para filmes 6 x 9 em punho e munido do seu flash, foi até um local da periferia da cidade para verificar a informação de que ali estava havendo algo de “estranho” a ser fotografado. A ida do fotógrafo para uma cultura próxima, mas que não é a sua, entrando no evento fotograficamente, nos lembra o que nos diz Vilém Flusser, quando ele salienta que o fotógrafo tem este espírito de um caçador que avança sobre a “floresta densa da cultura”, se aproximando de seu objeto e fazendo seu registro⁸.

Para se aproximar das referidas imagens, para tentar compreendê-las melhor, tivemos a oportunidade de entrevistar Roberto⁹, filho de Rodolpho, que foi seu assistente por décadas. As palavras do filho Roberto nos indicam a importância de seu pai para os mais variados setores da cidade, segundo ele, naquela época “(...) o fotógrafo era a pessoa mais importante depois de Deus”, Copriva já estava habituado a fazer registros para polícia local¹⁰, servir a polícia não era novidade para ele, eram registrados acidentes de todos os tipos, assassinatos e, também, retratos de criminosos detidos, daqueles de frente e lado, nos quais eram colocados datações para fichá-los. Desta feita, ao chegar para fazer este serviço policial, ele retratou, na verdade, uma festa, que aos olhos de alguns, era imoral e apontando para a ilegalidade da mesma.

Ainda nas palavras de Roberto, seu pai havia depois recebido instruções para registrar detalhes da dança, em especial o lado visto pela elite local como promiscuo, vulgar, leviano, no qual as mulheres e os homens roçavam seus corpos, se ofereciam. Deveria então disparar seu flash, enquadrar, optar pelos detalhes. Suas imagens dariam veracidade a um discurso já construído, seriam então mais

⁷ Copriva foi o primeiro fotógrafo da cidade a ter um equipamento tido como compacto, isso fez dele o fotógrafo mais versátil do todos, configurando-se no primeiro fotojornalista da cidade.

⁸ Vilém Flusser. *Filosofia da Caixa Preta*. São Paulo: Hucitec, 1985, p. 35.

⁹ O contato com Roberto Copriva se deu em três momentos, o primeiro contato em 2003, quando ele nos presenteou com cópias da série fotográfica e contou sobre elas, pouco depois, novo contato numa entrevista ao pesquisador Oliver Mann, concedida em 2004, e mais recentemente, respondendo algumas questões complementares que o enviei no ano de 2010.

¹⁰ Roberto nos contou que seu pai, no início dos anos 60, parou de trabalhar para a polícia, pois muitas vezes não recebia pelo serviço, e, mesmo quando recebia, o pagamento vinha com muitos descontos.



uma prova que iria além da simples observação feita pelos policiais, que ali estavam infiltrados e carregados de um discurso elitista, moralista, típico de uma classe média que se considera dona da cidade.

Primeiramente, não podemos negar que, as imagens feitas e a encomenda policialesca, formaram seu próprio discurso, tornaram-se algo independente da simples constatação de um fato, ganhando uma narrativa própria. Nosso objetivo foi o de tentar entender um pouco mais sobre elas, ficando claro já de início que o fotógrafo ao se deparar com este acontecimento, documentou – pouco nos importando neste momento aqui sua motivação - um evento de importância e valor incalculável. Tecendo esta trilha, as informações de Roberto são, para nós, uma forma de obter um ângulo a mais das imagens ou, complementá-las.

Mais de cinquenta anos depois, o relato de quem esteve lá auxiliando os registros, carrega um pouco de preconceito e fantasia. Segundo as informações de Roberto, que tinha entre 10 e 12 anos, ao chegar ao local, via-se que os negros estavam bêbados, o que, segundo ele, se justificava plenamente, pois, “os dançarinos e batuqueiros tinham que esquentar”. Ele se recorda que tais noites eram frias, e as fogueiras aqueciam as pessoas. Segundo ele, as pessoas ficavam ali “com uma maconhinha, um cachimbinho, um fumo também pra disfarçar”. Ele conta que seu pai, além de conhecer muitos dos retratados, também gostava da festividade, “era para nós muito divertido”. Ele se recorda que, além do batuque, eles batiam palmas, lembra também que havia “perto da fogueira quatro a cinco galões de pinga com limão e umas caixas de charuto, tudo mal feito, mal enrolado”. Ele crê ainda que os negros provavelmente tivessem também o seu próprio olheiro, para eventuais exageros causados pela bebida. Segundo ele se recorda a festa de 1952 foi a que com mais pessoas, se comparando com os anos de 1953 e 1955.

Mas e a polícia, como se comportou lá? Alguém foi preso? Segundo ele nos relata, eles estavam lá sim e a paisana, infiltrados, segundo ele os mesmos podem ser vistos em algumas das imagens. Quanto aos dançarinos, eram no total aproximado de 15 casais, e neles, como dito, é que seu pai deveria enquadrar, pegando “o detalhe da dança” quando “eles vem e faz um gesto e depois dá a umbigada. Então a polícia precisava deste momento pra mostrar que era pornográfico”. Entendemos aqui que, a presença da maconha e da bebida, era então secundária, sendo o objeto da investigação o ritual, este sim visto como criminoso.



Com relação à imposição da polícia no trabalho fotográfico, ele nos relata que em nenhum momento Copriva era interpelado durante as fotos, nem o indicavam o que deveria ser fotografado em detalhe. Apenas a conversa anterior, sobre o contato dos corpos era a referência, sendo apenas uma orientação referente ao detalhe da umbigada. Seu pai, então, tentava se prender aos detalhes. Assim, claramente, entendemos que os retratados o aceitavam e, certamente, não viam problemas ou não esperavam uma incriminação possível por meio das fotografias. Eles apenas dançavam, tocavam e cantavam: o crime estava preso a alguns dos olhares.

Algumas pessoas da cidade, que não eram necessariamente da comunidade negra, presenciavam tais festividades. Crianças brancas se interessavam em ver. Algumas pessoas certamente eram aquelas que, no outro dia, saíam a difamar tal acontecimento. O fato é que, depois de 1955, não houve mais estas festividades, e, se as fotografias ajudaram a que isso viesse a acontecer, não sabemos. O tempo passou, e tais imagens são hoje uma pérola para a história social da cidade, sendo, inclusive, uma referência para a comunidade negra local. Observando com atenção a seqüência das imagens, vemos o processo de captação do fenômeno, documentando detalhes da dança, seus participantes e registrando a expressividade do acontecimento. Este trabalho é marcante e acreditamos ser até desnecessário nos alongar na sua descrição, restando o convite a uma observação atenta das raras imagens aqui apresentadas.

Série de imagens de 1952. Notamos o destaque da dança no primeiro plano e, ao fundo, os observadores a assistir. Podemos ver que Copriva segue a determinação da polícia, pegando o detalhe do momento exato do encontro dos corpos dos casais.



Fotografia 1



Fotografia 2



Fotografia 3



Fotografia 4

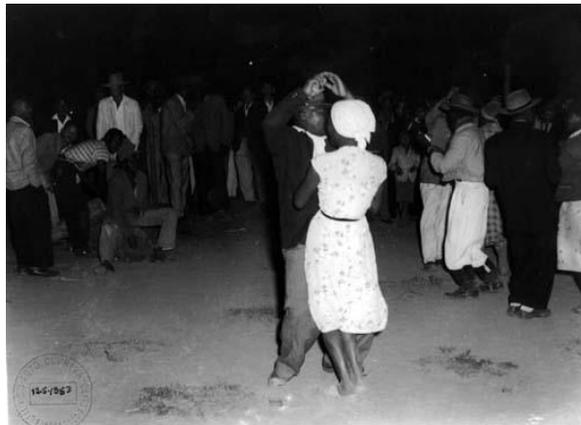
Série de imagens de 1953. Aqui notamos que pelas imagens que neste as imagens foram feitas com uma distancia maior entre ele e seu objeto, não se detendo tanto ao detalhamento da dança. É notório também que a quantidade de pessoas é bem menor. Nesse sentido, como havia nos relatado Roberto, comparativamente, entre 1952 e 1955, houve um esvaziamento do evento, sendo que, nos anos de 1953 e 1955, percebemos claramente muito menos observadores. Isso pode ser um indício de que a pressão social o estigmatizou, diminuindo a presença de não participantes as festas.



Fotografia 5



Fotografia 6



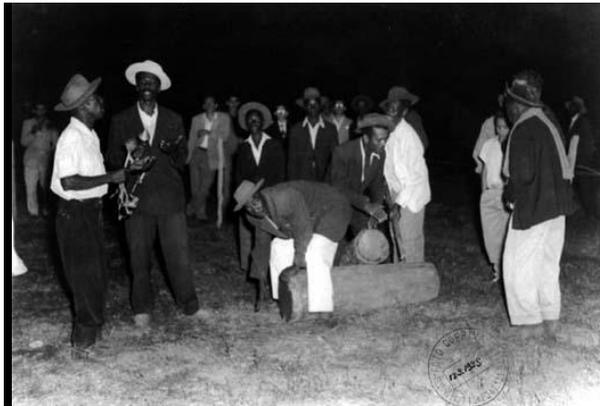
Fotografia 7



Fotografia 8



Série de imagens de 1955. Conjunto que nos indica e detalha melhor os instrumentos usados. Notamos também um menor número de pessoas de todos os encontros, principalmente comparando com o ano de 1952. Por outro lado, é nesse ano que Copriva registra também o momento no qual é feita a troca do lenço na dança, o que pode ser visto em três das fotografias.



Fotografia 9



Fotografia 10



Fotografia 11



Fotografia 12



Fotografia 13

Conclusão

A contribuição das imagens feitas por Rodolpho Copriva para a história da população negra do interior paulista e, conseqüentemente, de Rio Claro, é incalculável e suas imagens podem e devem ser analisadas de forma mais apurada pelos estudiosos¹¹. Tais imagens também nos ofertam a pluralidade do registro fotográfico, que, mesmo se originando para fins policiais, acabaram carregando informações etnográficas muito relevantes. Não podemos esquecer que, pesquisadores como, Antonio Candido, Roger Bastide e Mário de Andrade, mergulharam neste universo da cultura miscigenada do interior paulista, em busca de repostas acerca da formação da sociedade brasileira. Ao registrar estas pessoas ele fez, além de um registro, uma documentação de um fenômeno em vias de soterramento, sendo empurrado para a marginalidade pela elite local. O fato das fotografias de 53 e 55 mostrarem uma presença menor de pessoas não é secundário, sendo inclusive uma constatação de que a força repressora realmente tenha surtido efeito. É concreto também que este é o momento da chegada de novos meios de comunicação, da vinda de uma nova ordem cultural trazida pela televisão, fundada no *american way of life* e dos costumes e estilos de vida modelados pelo imperialismo. Fatores estes que, juntando-se ao etnocentrismo de uma sociedade fechada aos costumes das camadas mais pobres, sobretudo, os afro-brasileiros. cremos assim que tais acontecimentos acabaram fazendo com que tais manifestações desaparecessem da cultura local. Mas as imagens ficaram e, se Copriva não foi um fotógrafo com o intuito específico de um pesquisador, não podemos negar que ele realmente tem um objetivo claro de detalhar estas manifestações e, num outro sentido, suas imagens são importantes documentos carregados de informações etnográficas de grande importância.

No final da década de 1980 ficamos sabendo que Rodolpho Copriva estava vendendo seus equipamentos de laboratório e máquinas fotográficas. Fomos até sua residência e verificamos ampliadores e fotômetros. Na ocasião, pudemos perceber que a idade já o abatia, acabamos não comprando nada, mas ganhamos

¹¹ As imagens aqui apresentadas estão aos cuidados do Museu Histórico e Pedagógico Amador Bueno da Veiga. Recentemente, o Arquivo Público Municipal de Rio Claro comprou da família Copriva milhares de imagens que ainda estavam guardadas, este material ainda espera por processos de limpeza, catalogação e armazenamento, e será de grande valia para futuros estudos.



um último contato com ele. Finalmente, ele parou de trabalhar em 1992, vindo a falecer pouco depois. Especificamente no dia 12 de junho de 1993, aos 84 anos.

O trabalho dele, assim como o de milhares de fotógrafos que estiveram e ainda estão espalhados nas mais variadas localidades do interior, nos deixou um material que se mostra fecundo para as mais variadas aproximações e que nos permitem um contato direto com nosso passado recente, sendo um manancial rico e que deve ser preservado, respeitado e reconhecido como testemunho fundamental da vida social do país.

Bibliografia

BECEYRO, Raúl. Ensayos sobre fotografia. Buenos Aires: Paidós, 2003.

CANDIDO, Antonio. Opinião e Classes Sociais em Tietê. São Paulo: Revista Didática e Científica, 1947.

FLUSSER, Vilém. Filosofia da Caixa Preta. São Paulo: Hucitec, 1985.

KOSSOY, Boris. Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LEITE, Marcelo Eduardo. “Rodolpho Copriva, um foto-documentarista do interior paulista”, In: Studium - 17, Unicamp, 2004. [URL: <http://studium.iar.unicamp.br/17/03.htm>].

MOURA, Clóvis. Dicionário da Escravidão no Brasil. São Paulo: Editora da USP, 2004.